



TIA NASTÁCIA: A ATUAÇÃO DA PERSONAGEM NEGRA COMO EMBLEMA DO PASSADO NA NAÇÃO LOBATIANA FUTURA

Elisângela da Silva Santos¹

Resumo: A presente comunicação pretende ressaltar a participação da personagem de Tia Nastácia da obra infantil de Monteiro Lobato. Procuramos demonstrar que o artifício da brincadeira é muitas vezes acionado pelas crianças, Narizinho, Emília e Pedrinho, para estigmatizar e estereotipar sua participação nos projetos e planos criados por elas, assim como em situações cotidianas que envolvem sua atuação.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, personagens negras, literatura e pensamento social brasileiro.

Demonstrar a questão social que envolve o negro na literatura de Monteiro Lobato, por se tratar de uma realidade própria inerente à obra, é tarefa complicada, pois a obra de arte tendo liberdade de criação – possibilitando à ficção uma capacidade de “atuação” muito maior que a dos indivíduos na vida social concreta – pode se afastar sistematicamente do nosso cotidiano por ser ficcional e imaginativa. Portanto, simplesmente classificar um autor de obra tão vasta, que vivenciou as mudanças cruciais da virada do século XIX para o XX, de racista ou não racista, por exemplo, seria um reducionismo, que não é nossa intenção.

De acordo com Terry Eagleton (2001), em seu livro intitulado *Teoria Literária: uma introdução*, a categoria de literatura não pode ser encarada como objetiva, porque não é eterna e nem imutável. O fato de interpretarmos as obras até determinado ponto, a luz dos nossos próprios interesses, e o fato de sermos incapazes de interpretá-las de outra forma, pode ser uma das razões pelas quais certas obras parecem conservar seu valor através de séculos:

Todas as obras literárias, em outras palavras, são “reescritas”, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma “reescritura”. Nenhuma obra, e nenhuma avaliação atual dela, pode ser simplesmente estendida a novos grupos de pessoas sem que nesse processo, sofra modificações, talvez quase imperceptíveis. E essa é uma das razões pelas quais o ato de se classificar algo como literatura é extremamente instável (EAGLETON, 2001, p. 17).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista – FFC – Campus de Marília e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp.
E-mail: licass20@yahoo.com.br.

Desta forma, retornar à obra lobatiana tentando compreendê-la sociologicamente envolve o estudo dos diversos grupos e culturas que estavam localizados num mesmo “lugar”, neste caso, no Sítio de Dona Benta². Como observamos e como tentaremos mostrar, neste lugar imaginário se desenvolvem relações entre brancos e negros que, por estarem na obra, podem ser entendidas como reflexo³ do período em que Lobato escreveu, portanto, como idéias que encontram referência naquele período social e histórico. Sob este prisma, a nossa tentativa é a de atualizar a leitura da obra literária de Lobato tentando perceber momentos em que o autor demonstra na sua escritura o pensamento social e político do seu tempo, trazendo para a obra problemáticas da sociedade em que estava inserido e que foram modelo para constituição de seus livros.

Tia Nastácia e o novo modelo de infância

No primeiro livro que constituiu a série do *Sítio*, intitulado *Reinações de Narizinho* (1931), a narrativa demonstra que além de morarem Dona Benta e a neta Lúcia (Narizinho), que não se separa da sua boneca Emília, também mora na casa Tia Nastácia, “negra de estimação que carregara Lúcia quando pequena” e cozinheira de deliciosos quitutes elogiados por todas as visitas e conhecidos por toda a região. Desta forma, Tia Nastácia é a primeira personagem que aparece na obra que pode ser vista como pertencente à camada da população mais pobre do sítio, uma vez que, descendente de escravos, provavelmente, permanecera na casa de Dona Benta para prestar seus serviços braçais em troca de meios de subsistência.

Tia Nastácia e Dona Benta são as personagens mais velhas do sítio, são elas que em muitos casos opinam, solucionam, ou criticam os problemas causados pelas crianças, os verdadeiros protagonistas da ação na narrativa, os construtores do Sítio do futuro (e igualmente do Brasil como pretendia Lobato dos seus pequenos leitores). Entre estas duas

² Entendido aqui como uma espécie de metáfora da nação, isto é, *topos* que desenha o país numa acepção utópica o que atribui a este lugar imaginário criado por Lobato uma alteração de sentido pela comparação explícita ou implícita do Brasil real vivenciado no momento em que ele escreve para as crianças. Esta alteração de sentido formula ou reorganiza artisticamente dados do real, que sofrem alteração de acordo com a imaginação criativa do artista.

³ O termo reflexo aqui utilizado não se remete à idéia de inversão da realidade no espelho, mas sim como um sintoma desta na obra.

senhoras existe uma relação de lealdade e intimidade, mas tal afinidade é estabelecida pela convivência e não por laços sanguíneos e/ou familiares.

Como veremos, esta relação íntima é muitas vezes demonstrada como assimétrica já que os laços estreitos não são suficientes para ofuscar ou apagar a distância social e cultural existente entre Dona Benta e Tia Nastácia. Este aspecto pode ser notado, em primeiro lugar, na forma como a cozinheira se refere à Dona Benta: “Sinhá”, que segundo o dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa*, significa a forma de tratamento com que os escravos designavam a senhora ou patroa: siá, sá, sinhá, sinhara, pronúncia de senhora dos escravos brasileiros. Gilberto Freyre em *Casa-Grande&Senzala*, considera entre a herança dos africanos na família brasileira a mudança na língua portuguesa, pois as “negras velhas”, por terem tido uma influência na formação das crianças filhas dos senhores, teriam “amolecido” a linguagem mais rígida que os jesuítas tentaram introduzir. O que resultou numa disparidade entre a língua escrita e falada, como por exemplo, as expressões *nhô nhô*, *nhá nhá*, e seus diminutivos.

O livro *Reinações* já nos mostra de que forma seria constituída a relação entre Tia Nastácia e os outros habitantes da casa durante quase toda a série. No episódio em que Emília ganha voz através das pílulas falantes do Doutor Caramujo, Dona Benta chama a “criada” para prestigiar o grande acontecimento, e espantoso para todos, como podemos notar na seguinte passagem:

- Corra, Nastácia! Venha ver este fenômeno...
- A negra apareceu na sala, enxugando as mãos no avental.
- Que é, Sinhá? – perguntou.
- A boneca de Narizinho está falando!...
- A boa negra deu uma risada gostosa, com a *beijaria* inteira.
- Impossível, Sinhá! Isso é coisa que nunca se viu. Narizinho está mangando com mecê.
- Mangando seu nariz! – gritou Emília furiosa. Falo, sim, e hei de falar. Eu não falava porque era muda, mas o Doutor cara-de-coruja me deu uma bolinha de barriga de sapo e eu enguli e fiquei falando e hei de falar a vida inteira, sabe?
- A negra abriu a maior boca do mundo.
- E fala mesmo Sinhá!...exclamou no auge do assombro. Fala que nem uma gente! Credo! O mundo está perdido...
- E encostou-se à parede para não cair (LOBATO, 1959, pp. 35-6, grifos nossos).

Notamos no início da citação que Tia Nastácia surgiu da cozinha – espaço que pertencerá a esta personagem de forma exclusiva – obedecendo ao chamado imperativo, de

Dona Benta – e foi para a sala. Tia Nastácia possui um figurino próprio que é descrito algumas vezes na narrativa, o avental, que é sua indumentária básica e que simboliza a sua função de cozinheira e criada da família. Além disso, seu pertencimento étnico é afirmado o tempo todo pelas outras personagens, o vocábulo *preta* é usado com frequência na sua forma adjetiva para caracterizar sua atuação, o que talvez pudesse sugerir uma condição diferenciada das demais “pessoas”, demonstrando ser estranha à cultura dominante branca.

Diferentemente de Dona Benta, Tia Nastácia não possui herdeiros, o que torna sua relação com os outros habitantes mais próxima. Esta relação íntima é que fez com que Tia Nastácia fizesse uma boneca de pano para Narizinho com um dos seus retalhos que ela mesma julgara “ordinário”. Como ela mesma diz, se imaginasse que Emília pudesse tornar-se uma menina real, a teria feito com pedaços de seda ou, pelo menos, com um retalho do melhor vestido de Dona Benta, aquele de ir à missa: “Pois onde é que já se viu uma coisa assim, Sinhá, uma boneca de pano, que eu mesma fiz com estas *pobres mãos*, e de um paninho tão ordinário, falando, Sinhá, falando que nem uma gente!.. Qual, ou nós estamos caducando ou o mundo está perdido” (LOBATO, 1959, p. 39, grifos nossos).

Tia Nastácia admirara o resultado de sua própria criação, pois não imaginava que das suas “pobres mãos” e dos restos de seus retalhos saísse algo tão inusitado. Neste livro percebemos que o mundo adulto está separado do “mundo infantil”, a tal ponto de Dona Benta e Tia Nastácia se admirarem a cada momento das novidades das crianças. Tia Nastácia, diferentemente de Dona Benta, sempre aposta que as reações de Narizinho, Pedrinho e Emília, são resultados de alguma feitiçaria, o que lhe confere uma mentalidade religiosa ou mítica e, no mínimo, incapaz de acompanhar o tempo das crianças, ao contrário da patroa que sempre aposta na criatividade infantil como resultado destas travessuras.

No dia em que Emília pescou uma traíra no riacho, Narizinho entra na sala e conta para a avó:

- Vovó – gritou ela ao entrar – adivinhe quem pescou esta traírinha...
- Dona Benta olhou e disse:
- Ora, quem mais! Você minha filha.
- Errou!
- Tia Nastácia, então.
- Qual Nastácia, nada!...
- Então foi o saci – caçou Dona Benta.
- Vovó não advinha! Pois foi a Emília...
- Está bobeando sua avó, minha filha?
- Juro! Palavra de deus que foi Emília. Pergunte a tia Nastácia se quiser.
- A preta vinha entrando com a trouxa de roupa lavada à cabeça.

- Não foi mesmo, tia Nastácia? Não foi a Emília quem pescou a trairinha?
- Foi, sim, Sinhá – respondeu a preta dirigindo-se para Dona Benta. Foi a boneca. Sinhá não imagina que menina reinadeira é essa! Arranjou jeito de botar a boneca pescando na beira do rio e o caso é que o peixe tá aí...
Dona Benta abriu a boca.
- Bem diz o ditado, que quanto mais se vive mais se aprende. Estou com mais de sessenta anos e todos os dias aprendo coisas novas com minha neta de chifre furado...
- Criança de hoje, Sinhá, já nasce sabendo. No meu tempo, menina assim desse porte andava no braço de uma ama, de chupeta na boca. Hoje!...Credo! Nem é bom falar...
E com a menina dançando a sua frente, tia Nastácia lá foi para a cozinha fritar a traíra (LOBATO, 1959, p. 48).

Tia Nastácia admira-se com as coisas que as crianças são capazes de fazer e relembra do seu tempo de criança e compara com Narizinho que, cada vez mais, era independente e criava coisas inimagináveis para o seu tamanho. A cozinheira não consegue acompanhar as novidades, estava acostumada com a postura dependente da criança que ficava aos cuidados da ama-de-leite. Já Dona Benta afirma continuar seu aprendizado, mesmo depois de velha.

Aqui podemos inferir que Dona Benta é capacitada para aderir às novas formas de comportamento que as crianças passam a ter, principalmente, após a construção de uma forma de vida mais próxima daquela burguesa, devido à industrialização e a urbanização crescentes na sociedade brasileira do momento que Lobato escreve. E o autor, ao tornar este dado do real em literatura, também incorpora em seu projeto a idéia de que a modernização só traria benefícios à população em geral, inclusive aos trabalhadores braçais que, como percebemos em outro livro do autor, *O poço do Visconde* (1936), que trata da abertura dos poços de petróleo e de uma conseqüente industrialização, teriam maior facilidades para o trabalho. É o caso de Tia Nastácia, pois certas benesses também foram trazidas para a sua cozinha, diminuindo seu esforço físico. A geladeira e o fogão a gás foram as novidades inicialmente estranhadas por ela, mas aos poucos, percebendo suas utilidades e familiarizando-se com o seu manuseio, estas acabaram sendo bem vindas, chegando até a afirmar que uma criatura com todos estas “regalias” poderia ficar até “vadia”.

Portanto, as atitudes das crianças antes vistas como “reinações” e “loucuras” pela criada, aos poucos, no desenvolvimento do enredo da série, vão passando a ser consideradas como boas idéias necessárias a todos. É possível perceber que uma nova idéia de infância estava em surgimento, o que significa que a convivência entre adultos e

crianças também se altera: se antes Tia Nastácia possuía uma visão de infância ligada ao modelo patriarcal, as crianças demonstram através de suas ações que a independência e a criatividade eram novas formas de conduta resultantes do novo modelo de sociedade que emergia.

O lugar da ciência e do conhecimento popular na nação moderna

Nos livros selecionados para nossa análise, a posição de Tia Nastácia no que se refere ao conhecimento, de maneira genérica, é caracterizada pela narrativa como pertencente à cultura popular, ao senso comum. Em *Reinações*, num dos sonhos de Narizinho, que se passara no *Reino das Águas Claras*, Emília perdera parte da macela (material que servia como preenchimento para dar corpo à boneca) que sustentava suas pernas. Narizinho, muito preocupada, pede ao Doutor Caramujo que lhe consulte e assiste ao fornecimento do seguinte diagnóstico:

É grave! – exclamou. A Senhora Condessa está sofrendo de anemia macelar no pernil barrigóide esquerdo. Caso muito sério.

- E que receita, Doutor? Pílula de sapo outra vez? – indagou a menina.

- Esta doença – explicou o grande médico – só pode sarar com um regime de superalimentação local.

- Alimentação macelar – eu sei – disse a menina rindo-se da ciência do Doutor. Tia Nastácia sabe aplicar esse remédio muito bem. Em dois minutos, com um bocado de macela e uma agulha com linha, ela cura Emília para o resto da vida.

- Tia Nastácia! – exclamou o médico escandalizado. Com certeza é alguma curandeira vulgar! Macela! Alguma mezinha vulgar também! Oh, santa ignorância! Admira-me ver uma princesa tão ilustre desprezar assim a ciência de um verdadeiro discípulo de Hipócrates a entregar a Condessa aos cuidados duma reles curandeira!...

- Reles curandeira? – exclamou a menina indignada. Chama então Nastácia de reles curandeira? Se tem algum amor à casca, retire-se, senhor cascudo, antes que eu faça o que fiz a tal Dona Carochinha. Reles curandeira! Já viu Emília, um desaforo maior?

(LOBATO, 1959, p. 66).

Neste trecho notamos a defesa por parte da menina dos conhecimentos e curas caseiras de Tia Nastácia, vista pelo “médico” como uma “curandeira vulgar”. Este se admira com fato de Narizinho, menina inteligente e esperta, acreditar nos conhecimentos não científicos. A menina se ofende ao ouvir a crítica que o médico faz a alguém que a “carregou no colo quando pequena”, o que mostra a intimidade existente entre as duas

partes, diferentemente do que ocorre em outros episódios onde Tia Nastácia é mais culpada pela sua “ignorância” do que defendida.

Este sentimento benevolente de Narizinho em relação à Tia Nastácia também se modifica ao longo do enredo, como podemos perceber no momento em que Dona Benta pede á cozinheira para matar o porco Rabicó, o preferido da menina, com a intenção de prepará-lo como prato principal no jantar de aniversário de Pedrinho:

Amanhã, dia dos anos de Pedrinho, temos de dar um jantaresco melhor. Há ainda algum leitão pronto?

- Só Rabicó, Sinhá, mas esse Narizinho não quer que mate. É o ai Jesus dela.

- Sim, mas você dá um jeito. Mata escondido, sabe? E piscou para a negra. As duas velhas eram danadas para se entenderem.

A menina, entretanto, ouvira a conversa e fora correndo em procura do leitãozinho. Encontrou-o no pasto, fossando a terra – ron, ron, ron. Agarrou-o ao colo e disse ao ouvido:

- Vovó deu ordem a tia Nastácia para assassinar você amanhã. Mas eu não deixo, ouviu? Vou escondê-lo, bem escondido, num lugar que só eu sei, até que o perigo passe (LOBATO, 1959, p. 82).

Desta vez Rabicó escapara de ir ao forno conduzido por Tia Nastácia. Porém, no jantar de Ano Bom ele era esperado para compor a mesa como prato principal, mas sumira na véspera e, na ausência deste, Tia Nastácia encontrara outro leitão para substituí-lo. Narizinho, ao ver na mesa um leitão assado e pronto para ser comido, pensando ser Rabicó, exclama furiosa:

Não coma esse leitão, Pedrinho! É Rabicó! *Aquela diaba feia* nos enganou e assou ao forno o coitadinho...

O menino, apesar de duro para chorar, ficou com os olhos cheios d’ água, e ergueu-se da mesa furioso com a *preta* (LOBATO, 1959, p. 95, grifos nossos).

Nestes episódios do livro, podemos notar que o sentimento das personagens em relação à Tia Nastácia é carregado de ambigüidades. Ora é defendida, quando Narizinho “entra” no mundo da fantasia e do sonho, *lugar* nunca freqüentado por Tia Nastácia – pois como esta mesma diz, são loucuras de criança – ora é atacada por ter supostamente matado o porco de estimação, o que desencadeia uma relação de mando também entre as crianças e a cozinheira. Narizinho afirma coisas que jamais afirmaria para a avó, pois obedece à hierarquia interna existente. A avó regulamenta suas *Reinações*, conferindo-lhe confiança e

credibilidade, já Tia Nastácia, que duvida de tudo que ela apronta, não vê mal algum em matar um porco comum como os outros.

O problema é que, para a menina, o porco participa de suas fantasias. Portanto, apesar de Tia Nastácia ser defendida dos perigos externos e mágicos, ela é, ao mesmo tempo, destrutada pela menina, no momento em que bem entende. Esta ambigüidade na forma de tratamento em relação à criada não resulta em nenhuma espécie de conflitos, pois procura estabelecer uma harmonia entre as diferentes partes que compõem o cenário do sítio. Mas, não se pode negar que a narrativa também oferece voz à Tia Nastácia, que expressa sua opinião sobre quase todos os fatos, como no episódio em que a turma do *Reino das Águas Claras* aparece no sítio de surpresa, para o espanto das duas senhoras:

Nisto ouviu-se um rumor lá fora, seguido de batida na porta – uma batidinha muito delicada, *tique, tique, tique...*

- Quem será? – exclamou Dona Benta estranhando aquele modo de bater. E gritou para a cozinha: “Nastácia, venha ver quem bate”.

A negra apareceu, de colher de pau na mão. Foi abrir, mas de acordo com seu costume espiou primeiro pelo buraco da fechadura. Espiou e ficou assombrada.

- Que é filha de Deus? – Perguntou Dona Benta inquieta.

- Credo! – exclamou a preta. O mundo está perdido, Sinhá!...

- Mas que é, rapariga? Desembuche...

- É uma bicharia, que não acaba mais, Sinhá! O terreiro está “assim” de peixe, de concha, de caranguejo, de quanto bichinho esquisito há lá no mar. Até nem sei se estou acordada ou dormindo...e beliscou-se para ver [...]

- Eles são todos muito boa gente – continuou a menina. Vão passar aqui a tarde e garanto que não desarrumam coisa nenhuma. Vovó pode ficar descansada [...].

- Não deixe, Sinhá! – interveio a preta. Não abra a porta. É tanto bicho esquisito que até estou tremendo de medo.

Narizinho deu uma risada.

- Eles não mordem, *boba!* São criaturinhas *civilizadas e de muito boa educação.*

A preta não se convenceu (LOBATO, 1959, p. 125, colchetes e grifos nossos).

Mesmo assim, os “amigos” de Narizinho entraram na casa e logo as desconfianças e o medo de Tia Nastácia desapareceram, a tal ponto que acaba amiga de Miss Sardine, uma sardinha nascida nos mares canadenses que, “como boa norte-americana, Miss Sardine mostrava-se muito segura de si”. Aqui a narrativa demonstra que a admiração de Monteiro Lobato pelos Estados Unidos chega ao mundo mágico e fantástico criado a partir das Reinações de Narizinho. A sardinha vai até a cozinha de Tia Nastácia e fica perguntando –

“com curiosidade de mulher velha” – sobre a utilidade dos instrumentos, como o fogão, o fogo a panela etc. Tia Nastácia responde a todas as perguntas com sabedoria de mulher velha e com muita paciência, demonstrando muito conhecimento sobre o assunto.

Sobre este aspecto talvez pudéssemos intuir que Lobato estivesse tentando relacionar e aproximar as particularidades culturais entre Brasil e Estados Unidos. Tia Nastácia representaria a legítima culinária nacional, pois prepara pratos admirados e saboreados por todos. Na posição de nacionalidade privilegiada, enfatizada pela narrativa, a presença da sardinha norte-americana, poderia ser lida na história como uma propagadora das nossas particularidades culturais em “outros mares”. Assim, percebemos que enquanto os outros moradores do sítio apresentam aos demais convidados outras partes da propriedade, Tia Nastácia apresenta *o lugar* no qual o narrador lhe confere maior intimidade, podendo se expressar sobre os assuntos culinários, ambiente que efetivamente domina.

A conversa com a Sardinha foi interrompida no momento em que Dona Benta pede a ela que venha até o galinheiro pegar o “pinto sura” para o Doutor Caramujo examinar. Este oferece ao pinto uma de suas pílulas que serviam para qualquer doença:

A pílula foi colocada dentro do canudinho e o canudinho foi enfiado dentro de uma garganta do pinto.

- Preciso agora duma pessoa que assopre. Se não houver pessoa assopradeira, um fole serve.

Assopre, Nastácia! – mandou Dona Benta.

Tia Nastácia agachou-se, pôs a boca na ponta do canudinho e ia assoprar quando deu um berro, erguendo-se a tossir como uma desesperada.

- Que aconteceu, Nastácia?

A resposta foi uma careta de quem está engasgando com alguma coisa amarga. Depois falou.

- Aconteceu Sinhá, que o pinto assoprou primeiro e quem enguliu a pílula fui eu!...

Dona Benta não pode deixar de rir-se; a negra, porém, não achou graça nenhuma, e até se mostrou apreensiva, com medo de que a pílula lhe fizesse mal.

- Não fará mal nenhum – asseverou o Doutor Caramujo. Até pode curar alguma moléstia que a senhora tenha lá por dentro sem saber.

E assim foi. Tia Nastácia sarou duma célebre “tosse de cachorro” que a vinha perseguindo havia duas semanas, e tanta fé passou a ter nas pílulas do Doutor Caramujo, que as receitava para todo mundo. Até para o Chico Orelha, um pobre sem orelhas que por lá aparecia às vezes a pedir esmolas.

- Tome uma dúzia, Seu Chico, que lhe nasce um par de orelhas novas ainda mais bonitas que as que lhe cortaram (LOBATO, 1959, p. 132).

Aqui Tia Nastácia, a quem o Doutor Caramujo havia denominado de reles curandeira, engole a pílula confeccionada sob as bases científicas e ainda a indica para Chico Orelha, portanto, passa a divulgar e acreditar na ciência do médico a partir da sua empiria, colocando o saber científico na posição principal na narrativa. O saber popular de Tia Nastácia a partir do contato com a medicina do Doutor Caramujo passa a incorporar os elementos da ciência, se antes ela temia por acreditar que um comprimido engolido por acidente lhe fizesse mal, a partir do momento em que cura sua tosse, passa a não temer mais os medicamentos, portanto, o conhecimento científico do “médico” toma o lugar de protagonista em relação à saúde da população do sítio e, deste modo, percebemos o triunfo da ciência sobre o curandeirismo caseiro.

Realidade, magia e a manutenção dos papéis sociais das personagens na nação

No primeiro livro de Lobato destinado às crianças notamos a convivência entre personagens mágicas de contos tradicionais europeus e as “personagens reais” criadas por ele. Nesta relação entre realidade e magia, os papéis continuam definidos da forma como ocorre no cotidiano. De acordo com Maria Cristina Soares de Gouvêa, esta situação marcou a literatura infantil a partir da década de 1920 no Brasil.

Num dos capítulos do livro, Gato Félix aparece no sítio e todos pedem para conhecer suas aventuras, porém como os ouvintes não gostaram muito de suas histórias – que consideram sempre exageradas e mentirosas –, decidem que a partir daquele momento todos teriam chance de narrar alguma aventura diferente. Emília contou uma história que todos gostaram e, por isso, o gato mostrou-se muito enciumado e desmerecido: “Emília deu um balanço na rede e murmurou: - A inveja matou Caim... O gato mordeu os lábios e replicou com ar de desprezo: - Era só o que faltava, o célebre Gato Félix ter inveja duma boneca de pano feita por uma negra velha...” (LOBATO, 1959, p. 160).

Desta forma, percebemos que também as personagens mágicas criticavam Tia Nastácia desmerecendo suas criações – mostrando que sua verdadeira arte e sabedoria estavam restritas aos saberes domésticos, sempre elogiados. Esta opinião do Gato Félix não deixa de coincidir muitas vezes com a opinião geral dos demais “moradores” do sítio. À primeira vista, Emília se mostra superior ao Gato, entretanto, por ser uma herança da arte popular é criticada e ridicularizada por muitos em algumas situações. É como se a nossa arte genuína estivesse consolidada numa base tradicional e ultrapassada mas,

simultaneamente a esta criatividade colonial, estava plantada uma crítica a esta arte, feita de restos e sem a capacidade criadora dos grandes artistas.

Emília não tinha as características físicas de uma grande princesa ou fada – talvez o aspecto mais espantoso para o Gato Félix – mas tinha a esperteza e a inteligência muito superior a estas, pois nas histórias da boneca não existe o final “*foram felizes para sempre*”, mas sim o questionamento sobre a realidade imediata do Sítio/Brasil.

As invenções de Tia Nastácia seguem no enredo deste livro como indignas de crédito pelas personagens iniciadas na arte erudita, como podemos notar no episódio que envolve também uma personagem externa à narrativa, desta vez o Pinocchio. Dona Benta, em *Reinações*, como em quase todos os livros infantis de Lobato, é a contadora oficial de histórias para os netos, que gostam da forma como ela narra, pois traduz as palavras para a linguagem infantil, deixando-as mais didáticas. Certo dia, narrou para todos a história do Pinocchio, o que deixou em Emília a vontade de fazer o irmão do Pinocchio brasileiro. Esta idéia da boneca foi admirada por todos, inclusive Pedrinho, que queria muito encontrar um “pau-vivente” no sítio para montar o boneco. O menino, imaginando tê-lo encontrado, organizou um concurso para eleger o desenho mais interessante.

Durante meia hora ninguém naquela casa cuidou de outra coisa senão de desenhar. Prontos que foram os seis desenhos, Pedrinho os pregou na parede para serem julgados. Que exposição mais engraçada! O desenho de tia Nastácia não tinha forma de gente, parecia um coisa-ruim de carvão, tão feio que todos riram. O de Narizinho era bastante jeitoso, mas tinha o defeito de ser parecido demais com o Pinocchio. “Foi de propósito – explicou a menina. Fiz um irmão gêmeo”. O de Dona Benta parecia um judas, no sábado de aleluia. O de Pedrinho saiu um retrato de um menino opilado que às vezes aparecia no sítio, acompanhando sua avó, Nhá Veva Papuda. O do Visconde saiu tão científico que não se entendia. Era cheio de triângulos copiados da geometria e tinha no nariz um X de Álgebra. O de Emília era um embrulho. Emília quis botar no boneco tanta coisa que virou uma trapalhada (LOBATO, 1959, p. 198).

O desenho de Tia Nastácia, mesmo sendo considerado um coisa-ruim, foi o desenho vencedor do sorteio, apesar de Emília tentar enganar a todos para que o dela saísse vencedor:

Foi um desapontamento geral. Ninguém esperou que a sorte fosse tão burra de escolher justamente a autora do desenho mais feio. Mas a sorte é a sorte, o que ela decide está decidido e ninguém pode mais reclamar. Em vista disso, a negra ficou encarregada de dar forma humana ao pedaço de pau vivente, pondo assim ao mundo o irmão de Pinocchio (LOBATO, 1959, p. 200).

Emília sentiu-se injustiçada e furiosa com o sorteio e com a atitude de Tia Nastácia, que a condenou por ter tentado sabotar o concurso aconselhando Dona Benta a dar-lhe uma surra. A boneca arruma suas coisas para ir embora, levando apenas os presentes dados por Narizinho e deixando os que havia ganhado de Tia Nastácia jogados no chão. A boneca se lamenta sozinha: “- Não é à toa que ela é preta como carvão. – Mentira de Narizinho! Essa negra não é fada nenhuma, nem nunca foi branca. Nasceu preta e ainda mais preta há de morrer” (LOBATO, 1959, p. 200).

Emília se sente muito ofendida e só faz as pazes com Tia Nastácia, que se arrependeu de ameaçá-la com palmadas, depois de ela ter lhe dado o alfinete cobiçado pela boneca a vida inteira. Quanto ao boneco confeccionado por Tia Nastácia, todos acharam muito feio e desajeitado, Pedrinho chegou a afirmar: “ – Que vergonha, Tia Nastácia! Você fez um monstro que não pode ser mostrado a ninguém. Desmoraliza a família” (LOBATO, 1959, p. 202).

Deste modo, a criação do irmão de Pinocchio feita por Tia Nastácia deixou todos insatisfeitos, pois a referência que ela tinha sobre seus bonecos era aquela, feita de restos artesanais, assim como Emília e Visconde que, como ela mesma dissera, eram feitos de um material ordinário, do qual o novo boneco também não escapara. De acordo com Walter Benjamin (2002), um desenho é capaz de ilustrar a atividade cotidiana de quem o faz e o que caracteriza sua autenticidade é tudo aquilo que contém e é originalmente transmissível, desde a sua duração material até o seu poder de testemunho histórico. Assim, a única maneira de Tia Nastácia testemunhar sua história é através de suas criações vistas por todos como bizarras. A criada desenhou o irmão do Pinocchio na cor negra e pintado com carvão, talvez sua única ferramenta disponível, e também quem sabe por se auto-reconhecer e transmitir para sua arte o seu pertencimento étnico.

Talvez a única “criação”, além da culinária, importante e reconhecida pelas “personagens reais” do sítio realizada por Tia Nastácia fosse justamente a boneca Emília, mas como ela mesma reconhece, esta fugiu do seu controle depois que o “pano gerou a carne”, fazendo dela a mais atropeladeira das pessoas. De certo modo, Emília é o vínculo mais forte que a criada pode ter, mas é ao mesmo tempo a mais livre de todas as personagens. Em outras partes do livro, notamos com maior clareza que o restante das personagens tentam explicar o fato da criada ser negra, o que não era compreendido pelas

criaturas mágicas que apareciam com frequência no sítio de Dona Benta, sempre convidadas pela imaginação criativa das crianças.

Numa certa ocasião, quando o Patinho Feio viera, Emília o advertiu dos supostos perigos que deveria se precaver e o advertira sobre a índole de Tia Nastácia: “não saia daqui, não vá à cozinha, ouviu? Lá mora *uma fada preta* que não tem nem piedade de frangos nem de patinhos. Pega os coitados e vai logo lhes torcendo o pescoço sabe para quê? Para assá-los no forno, imagine!...” (LOBATO, 1959, p. 179, grifos nossos).

As crianças passam esta imagem de Tia Nastácia como perversa em relação aos animais, entretanto, quando ela prepara os pratos maravilhosos e organiza a mesa para as refeições, todos da casa a enaltecem.

A narrativa segue sempre desautorizando Tia Nastácia para os convidados mágicos. Na sala onde se reuniram Narizinho, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, entre outros, ouvimos o seguinte diálogo:

As senhoras princesas e senhores príncipes – disse Narizinho, estão convidados para tomarem um café.

E voltando-se para a cozinha:

- Tia Nastácia! Traga um café bem gostoso para estes amigos.

Quando tia Nastácia entrou na sala com a bandeja de café seus olhos se arregalaram de espanto.

- Credo! – exclamou. Não sei onde Narizinho descobre tanta gente importante e *tanta princesa tão linda!* A sala está que parece um céu aberto...

- Quem é ela? – perguntou Branca-de-Neve ao ouvido da boneca enquanto a negra servia café.

- Pois não sabe? – respondeu Emília com carinha malandra. Nastácia é uma princesa núbia que *certa fada virou em cozinheira*. Quando aparecer um certo anel, que está na barriga dum peixe, virará princesa outra vez. Quem vai danar com isso é Dona Benta, que nunca achará melhor cozinheira. [...]

Todos tomaram café, menos Cinderela.

- Só tomo leite – explicou a linda Princesa. Tenho medo de que o café me deixe morena.

- Faz muito bem – disse Emília. Foi de tanto tomar café que tia Nastácia ficou preta assim (LOBATO, 1959, pp. 182-3, grifos nossos).

Nesta passagem está circunscrita a visão que as personagens mágicas possuem sobre Tia Nastácia, alguém exótica demais para os contos de fadas europeus. Esta visão está pautada no estereótipo, pois Tia Nastácia só poderia ser aceita mediante uma explicação do motivo da sua cor, já que nos contos de fada a presença de negros era quase inexistente e, nas histórias do sítio, o negro aparecia associado aos trabalhos braçais. A mesma situação

se repetiu no momento em que um circo havia chegado aos arredores do Sítio, todos se animaram para ver o espetáculo e aguardavam ansiosamente, menos Tia Nastácia que, conforme Pedrinho, não sabia se vinha assistir, pois “está com vergonha, coitada, por ser preta”. Narizinho achando aquela explicação muito boba dirigiu-se ao público justificando a demora das duas senhoras, Dona Benta e Tia Nastácia:

Afinal as duas velhas apareceram – Dona Benta no vestido de gorgorão, e Nastácia num que Dona Benta lhe havia emprestado. Narizinho achou conveniente fazer a apresentação de ambas por haver ali muita gente que as desconhecia. Trepou em uma cadeira e disse:

- Respeitável público, tenho a honra de apresentar vovó, Dona Benta de Oliveira, sobrinha do famoso Cônego Agapito Encerrabodes de Oliveira, que já morreu. Também apresento a Princesa Anastácia. *Não reparem por ser preta. É preta só por fora, e não de nascença.* Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então o encanto se quebrará e ela virará *uma linda princesa loura* (LOBATO, 1959, p. 234, grifos nossos).

Por este trecho percebemos a diferença existente entre Dona Benta, sobrinha de algum “figurão” que provavelmente gozava de distinção social, e que é apresentada ao público sem embaraço pela menina. Já Tia Nastácia é apresentada ironicamente como uma princesa que, apesar de ser “preta por fora” – o que lhe causava vergonha – era branca por dentro, pois estava sob os encantos de uma fada.

Quem sabe não pudéssemos indagar por meio destes trechos que a narrativa – ao internalizar as tendências e idéias do momento, ligadas às discussões sobre nossa formação populacional – estivesse propondo uma população futura formada apenas por brancos? Já que a única personagem negra da história estava negra, mas internamente era branca. Estas passagens do livro acima citadas, ao assumir o disfarce da brincadeira, ou da piada, podem conduzir o leitor a interpretar de modo mais ameno a forma como Tia Nastácia foi inserida no universo da cultura do Sítio/Brasil. Mas, enfrentando mais a fundo a matéria sob a qual a narrativa foi composta, percebemos que a presença de uma negra no universo das fadas era tão inimaginável que merecia uma explicação. A única encontrada por Emília e Narizinho era que Tia Nastácia não *era* negra, mas *estava* negra por conta da maldade de uma fada. Radicalizando o assunto, o ser negro seria resultado de algo ruim e que também através da mágica deveria ser superado.

Sobre os estereótipos, recorreremos à análise de Giralda Seyferth (1995) que afirma que a brincadeira ou a piada podem ser encaradas como instrumento de discriminação,

principalmente, quando situa o discriminado fora da humanidade e da civilização, não reconhecendo sua condição de pessoa, remetendo a estereótipos que evocam marginalidade e comportamentos sociais. Neste sentido, a autora afirma:

Objetivamente, não existe grande diferença entre os pressupostos contidos nas anedotas e aqueles que levaram eminentes cientistas e pensadores do início do século a imaginar uma sofisticada teoria de branqueamento: em ambos os casos está presente a crença na inferioridade racial dos que não são brancos. Aliás, existe uma diferença: os que se exprimem através de anedotas e estereótipos consagrados sempre podem pedir desculpas e passar o estigma como brincadeira (SEYFERTH, 1995, p. 200).

Conseqüentemente, a narrativa procura amenizar, através da anedota, a participação de uma “pessoa” negra nas histórias de fadas e princesas, preponderantemente compostas por brancas. Tia Nastácia aparece na sala para servir e Emília, acostumada com as brincadeiras mentirosas, encontra uma solução bem humorada para “explicar a cor” da criada, já que o padrão de normalidade aceito pelas personagens mágicas não incluía os negros. Portanto, o que procuramos ressaltar aqui, é que a participação da personagem de Tia Nastácia na narrativa lobatiana parece sugerir que sob o disfarce da piada – utilizado pelas crianças para ressaltar suas características físicas e intelectuais – talvez esta seja uma boa técnica de escrita para este público, entretanto, os leitores formados por esta literatura talvez estejam impossibilitados de tomarem posições mais críticas em relação a obra deste autor, já que este artifício pode ser encarado como brincadeira, portanto sem grandes comprometimentos para a integridade daquela que é o tempo todo estigmatizada pela narrativa.

Referências Bibliográficas

- EAGLETON, Terry, *Teoria literária: uma introdução*, São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.
- FREYRE, Gilberto, *Casa-grande&Senzala*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- LOBATO, Monteiro, *O poço do Visconde*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1950.
- LOBATO, Monteiro, *Reinações de Narizinho*, São Paulo: Brasiliense, 1959.
- SEYFERTH, Giralda, A invenção da raça e o poder discriminatório dos estereótipos, in *Anuário Antropológico 93*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.